



Dr. Alberto Diniz da Fonseca

Distincto advogado, brilhante orador e deputado catholico por Argonil.



PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Vilela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

À cobrança feita pelo correlo ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Extranjero — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de malestia actual, ou habitual (parlavras textuaes).
- 3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

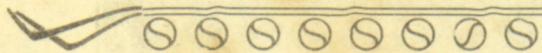
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochia de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livreria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas farmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retiro do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



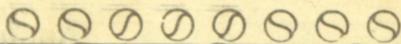
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

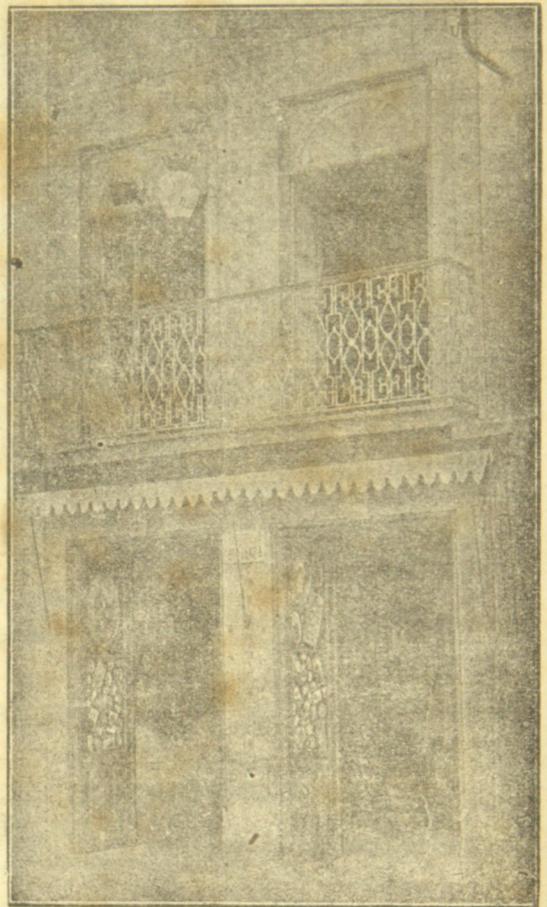
Bons resultados nos exames e
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

P.º José Maria dos Santos



PHOTOGRAPHIA ALL'ANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação gráfica

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 12 de Outubro de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 276—Anno VI



LISBOA — Altar de Jesus dos Desamparados

com a imagem e confraria do S. Coração de Maria, instituida por Pio VII
a 15 de dezembro de 1818 nas Comendadeiras da Encarnação.

O remedio infallivel



hora a que escrevo discute-se nos meios preponderantes da governação publica a grave questão que atormenta os sêbios cãcos: =vae-se prá esquerda? vae se prá direita?

E gira tudo como dobadoira á cata de resposta a cada uma das perguntas. O Egas — esse *aventureiro*, diz um monarchico.

O Sidonio — esse vaidoso, diz um amigo do supracitado Egas.

O resto, a fome, a peste, a guerra, é quasi nada. Quem sabe se os destinos da Europa dependem da solução do extraordinario *embroglio* politico, quem sabe?...

Como quasi sempre acontecer em Portugal, as questões são mal postas. Não se tracta de direita nem de esquerda. Positivamente, a vida nacional não se resolve como o atravancamento das ruas fazendo seguir, sobre os passeios, uns pela esquerda, outros pela direita.

Estas designações de instrucção de recrutas. — ó militarismo! ó militarismo allemão! — são producto do partidarismo. Desde que a politica entrou a ser vasada nos moldes e fôrmas do convencionalismo liberal, com uns reis para assignar papeis, uns illu tres representantes que nada representam e quando *representam* é sem geito, e uma liberdade de tunica cabello estendido, olhos em alvo e palmito como as amortalhadas das procissões de penitencia nas aldeias; desde que se estabeleceu para commodidade de quem manda, que o cidadão soberano, para ser gente, tinha de pensar pela letra de uma coisa que se chama programma de partido — o *sagrado papyro do nosso querido partido*, os senhores recordam-se? desde esse instante convencionou se que havia dois rebanhos, a *direita* e a *esquerda*, e ás vezes o *centro*, etc. e sem isso não se passa.

Agora a questão é ainda por causa da *direita* e da *esquerda*.

Ora ha engano.

Se a *direita* é conservadorismo, o sr. Sidonio não pode ir para a *esquerda*. — é certo. Mas quem decide não é nem *direita* nem *esquerda*, Quem tem de decidir é...

Fu peço ao *grrrande liberal* que não se exalte. Ouça sentado, com os nervos tranquilos, como pessoa de sangue frio. Não se indigne, que se descompõe.

— Quem tem de decidir é a tropa!

O sr. Sá de Albergaria, no *Raspão*, cercaturou, há dias, um marido *carinhoso* que desancára a consorte. Esta chorava. Entra o compadre fatal de todos os *Raspões* e pergunta-lhe porque lagrimejava o ente adorado.

Explicou-lhe o extremoso chefe de familia que ella ousára dizer-lhe esta phrase subversiva: *eu quero*. Em casa mandava elle e só elle. E como o compadre atalhasse que a mulher tambem tinha direitos o figurão negou-o a pés juntos e invocou que as *proprias nações* o comprovavam.

A explicação d'esta descoberta vae levar o sr. Sá de Albergaria á cathegoria de Bandarra ou tractadista luminoso de direito publico, assim que o émulo do Pavia surgir na capital «a varrer tudo», como costumam ordenar os chefes d'esquadra policial aos agentes, em maré de zaragatas.

Dizia o homem: — Quando foi grande este paiz? Quando um só mantava, quando havia Rei Absoluto. E porquê? Porque o poder era *masculino*. Depois, dilucidava elle, deixou de haver um só, o homem a mandar, deixou de haver Rei Absoluto, e appareceu o *feminino* a pôr e dispôr, e o paiz a andar para traz. Primeiro veio a Monarchia com o parlamento, a trica, o roubo a banbochata da *liberdade adorada*, e ahí galdériou até que morreu. Depois veio a Republica, uma do bairro, muito cheia de untos e de gênio, «que está para ter uma creança de trez em trez mezes», alarmando tudo e afinal — nada. As mulheres não dão, no poder, rematava elle profundamente.

Este é o partidario da unica salvação nacional: a bordoada.

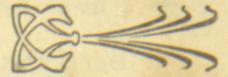
E os srs. vão vendo que isto não entra nos eixos senão com muita força de *sidonismo!*

F. V.





VIDA INTENSA



Por J. de Faria achado.

... Depois.



OMO se não bastasse o flagello da peste para esta hora d'angustias, vieram as incertezas d'uma revolução. Aos echos do primeiro grito de paz responderam odiosos clamores de guerra e n'isso está a relativa logica da sedicção demagôga, que não hesitou um instante em fazer triumphar o flagello sanguinario das suas ambições. Para satisfação completa dos seus interesses seria necessario que á hora da paz estivesse acavalada no poder a phalange democratica e saltando por cima de tudo que ha de sagrado nas horas horriveis d'uma nacionalidade, que se contorce nos pavores d'uma epidemia e nos horrores d'uma desordem, buscaram n'um golpe ousado readquirir o predominio. Foi um momento ephemero porque sem opinião, sem atmospheria, sem auctoridade, o partido democratico perdeu-se mais uma vez, o paiz viu-se livre d'um bando, todos os portuguezes se pouparam o pesadello terrivel d'uma quadra de violencias, de perseguições, que tresvasaria sangue e odio, como onda d'uma sinistra maré. Mas pela primeira vez tiveram certa logica na sua conducta, pela primeira vez revelaram sinceramente, em toda a plenitude da sua expansão os seus propositos e os seus instinctos. Com a sua inepticia criminosa, com a sua incompetencia, com o seu desvairado interesse de servir uma casta em detrimento d'uma patria, elles, que gizaram a nossa intervenção na guerra, queriam ao serviço da paz, as mesmas excelsas qualidades de incompetencia e de traição, que constituem o seu melhor titulo politico, queriam-se de novo, na hora da paz, senhores e donos d'esta pobre terra portugueza, que já lhes deve as peores horas d'amargura, para com ella satisfazerem as suas ambições inconfessaveis, os seus propositos de crime. Sem piedade pelos que morrem ao desamparo no meio sinistro dos horrores d'uma epidemia que alastra, entre a fome que a sua inepticia creou, sem respeito pelos que se batem com honra, em defesa de Portugal a horda democratica estendeu as garras e ferozmente quiz morder.

Para ressuscitar uma era de banditismo lançava-se um paiz já duramente convulsionado pelas mais variadas e extranhas amarguras n'um verdadeiro abysmo, n'um brazeiro sinistro, onde tudo e todos seriam cruelmente devorados. Valeu a tempo a dedicação leal d'alguns e a firmeza nobre com que o exercito se poz ao lado da patria. Dissipados por isso os negrumes que avolumavam no horisonte, restabelecida a tranquillidade e a ordem, justo é lembrar a necessidade d'uma vez para sempre frustrar attentados d'esta natureza, garantir o socego e a liberdade dos que trabalham, que não podem nem devem estar á mercê das ambições de semelhantes agitadores. De dura e severa licção devem servir os acontecimentos para o sr. Sidonio Paes que ainda tem fumos de conciliação e gestos theatraes de piedade; de grave exemplo devem ser para o paiz, estes constantes pronunciamentos sediciosos, mostrando-lhes a necessidade imperiosa do restabelecimento d'um regimen de força e de justiça; que no animo do exercito, que ora tão galhardamente se conduziu e que não serve regimens porque só serve a patria, peze e calle a dura licção dos acontecimentos, porque é tempo já de restituir á boa e malfadada terra de Portugal a paz e o socego a que tem direito.

E' indispensavel que para isso se constitua um governo de força, um gabinete neutro em materia politica, que não escute ambições nem afague deslumbradoras miragens de predominio, para conduzir até á paz este paiz malfadado, que ha oito annos crueis, só de guerra e desordem tem vivido. E essa missão compete ao exercito, onde ha capacidades, onde ha competencias para governar com liberdade mas com justiça, para se impôr com doçura mas com firmeza, para disciplinar e conter uma horda ambiciosa que sem lei nem roque tem vivido.

Se o não fizerem, os vencedores d'hoje podem ser os vencidos d'amanhã. . . . n'uma convulsão que a todos atingirá porque ha de atingir em cheio a alma da nacionalidade em perigo.



DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

LVII

Diccionario enygmatico.

VIII

Minha mãe, que me criou,
Apenas me vê crescida
Me lança fóra de si
Mui pouco compadecida.

Quando me encontro com ella
Seus passos vou atalhar.
E, com as boccas que tenho,
Faço por a segurar.

Mas não é por muito tempo,
Que a sua prisão me dura,
Porque me apertam as boccas,
Até que lhe dê soltura.

IX

Passei por muitos janeiros
Quando eu outra forma finha,
Até que meu dono viu
Que eu assim lhe não convinha.

Uma cousa, que onde chega
Bota o que encontra a perder.
Quando me quer extinguir
E' que me dá novo ser.

D'elle recebo o valor
Que me faz ser procurado.
Para gente que tem posses
Vou-lhe a casa amortallar'o.

X

Sou de pau e sou de ferro.
Tambem rio posso ser.
E sou tambem bom manjar
D'ra na meza se comer.

XI

N'um campo vi dois eguaes
Ambos com igual poder.
E como para vencer
Nenhum finha armas demais
Vão fiados no saber.

Logo quem tem melhoria
Às outras gentes contrarias
A morte lhe denuncia
E fica pagando parias
O vencido a quem vencia.

XII

Um gigante de bella feição.
Tem doze filhos do seu coração.
Cada filho tem trinta netos
Melade brancos, melade pretos

e ainda em prosa :

- Em que se parece uma ermida com um fisico?
- Quaes são os pés que levantam mais poeira?
- Quaes são os homens que se podem desarmar em uma chave de parafuso?
- Qual é a palavra que é instrumento e peixe e que se encontra na egreja, no navio e no cavallo?

Alguns enygmata, hoje, dos que já recebi de collaboradores, para entremear com os do caderninho inicial :

1

Sou branca de nascimento,
Coberta de verdes laços,
E a todos faço chorar,
Se me cortam em pedaços.

2

O que eu sou, que não é nada
Um nome, na lingua tem:
Ora curta, ora alongada,
Às vezes, larga tambem,
Sem ninguem a presentir.
Segue a todos, muito bem,
Mas ninguem a pode ouvir
Mesmo que esteja a bulir.

3

Dentro na terra nascida,
Da mesma terra gerada,
Baixa, humilde, abatida,
Mas sendo toda formada,
Fui no mais alto subida.
Ali, da agua e do vento
Logo padeci formento,
Mas depois, velha e cansada,
Donde estou sou derrubada,
Por não ter força, nem alento.

4

Que numero é de donzellas
Aquelle tão excellente
Que tal segredo está nelles
Que, para fallar, á gente
Não pode fallar sem ellas?

Na mais incognita parte
Onde habita gente estranha,
Lá estão por subtil arte,
E ellas fallam, por façanha,
As linguas de toda a parte.

5

Um animal conhecido.
Macho ou fema, ha, singular,
Que tenho d'elle entendido
Não ser nascido no mar
Nem ser na terra nascido.

Ninguem o vê nunca em pé.
Por ser sem ossos formado,
Nem assentado se vê,
E claramente se crê,
Estar com lá sem ser gado.

6

Folhas e folhas eu uso,
Sendo uma folha insensivel;
Bons ou maus fructos produzo.
E sem eu ser comestivel,
Muita gente me devora
Que depois me deita fóra.

7

Sou um mantimento triste
De uma dama como a flôr,
E mais nunca me resisto.
Sou triste por ser da eôr
Onde a tristeza consiste.

Esta formosa donzella
De que tambem toco aqui,
Sendo eu feio, ella tão bella,
Não posso servir sem ella
Nem ella serve sem mim.

8

Olha o nascimento meu,
E nota a ventura minha:
Tão bella e rica fui eu,
Que corôa de rainha
A natureza me deu.

Mas logo com ferro agudo
Me mataram e roubaram.
Mil pedras ricas que acharam,
E a corôa antes de tudo
Da cabeça me tiraram.

Basta por hoje, que não estou perto das provas, p compôr a pagina. Estes enygmata são da layra do bello amigo que os mandou, ou copiou-os nalgum almanaque velho? Porque não mandou a decifração de todos, mas só a de alguns?

Continuaremos, porque o futuro Diccionario enygmatico portuguezs promette ser interessantissimo. E já ando ideando outro bem mais attraente e servical. . .

A guerra e os inventores

Thomaz Edison.

Está aqui, sobre o famoso inventor, algumas notas biográficas de M. Georges Drouilly, no Gaulois:

Edison é incontestavelmente uma das mais curiosas figuras no Novo Mundo, e a historia da sua vida, parece um conto das «Mil e uma noites». Ainda criança — era em 1855 — ia elle á escola communal de Port-Huron, no Michigan. Jámais um alumno foi mais distraido. Um bello dia, o professor da escola, reprehendeu-o com indignação, dizendo-lhe solemnemente:

— Thomaz, nunca passarás de um tolo!

A criança curvou a cabeça e chorou, mas não voltou mais aos bancos em que reinava o professor. Foi sua mãe que se encarregou de lhe ensinar alguns rudimentos de orthographia e arithmética. De onze annos, elle quer ganhar a vida e ei-lo vendedor de jornaes nos comboios que fazem serviço de Détroit a Port-Huron. Nêste comboio, immediatamente instalou uma pequena imprensa, e ahi redige, compõe e tira algumas centenas de exemplares d'um pequeno jornal, do tamanho de um lenço de assoar que,

por tres vintens, dá aos viejantes todas as noticias recebidas entre todas as estações. Existe d'este jornal, um só numero, datado de 3 de dezembro de 1862; M.^{me} Edison guardou-o como uma recordação preciosa. Mas Edison, já seduzido pela phisica, instalou uma pilha no seu comboio. Um dia, um accidente pega o fogo ao laboratorio rodante. O conductor, zanga-se e atira o novo phisico ao caes d'una estação com a imprensa e as pilhas, e assim desfaz os seus sonhos. O electricista da estação, recolhe esta creança que chora, e passados dois meses, Edison, nada ignorava da profissão de transmissor de correspondencias. Um acaso, annos depois, devia decidir a sua fortuna. Era em New-York,

em 1870, na rua de Wall, deante dos escriptorios d'uma agencia que tem o monopolio dos «tickers» — aparelhos inscrevendo automaticamente em fitas as cotações da Bolsa; — uma multidão miseravel, apinha-se: os «tickers» são detidos por toda a parte, sem que a administração louca, possa dar com a causa do accidente... Então Edison, entra na agencia e offerece-se a reparar o estrago; consentem n'isso. Examina o aparelho central e avista uma mola caída entre duas rodas: dentro de poucos momentos tudo funcionava novamente.



Edison deixando-se cinematographar.

Pago-lhe 1.500 francos por mez! Diz-lhe o director enthusiasado!

Dominando a emoção que sente, Edison accieita com ar desprendido... Instalam-no, fornecem-lhe todo o material que elle pede, e pouco tempo depois elle fornece aos seus chefes um «ticker» maravilhosamente aperfeiçoado.

— Quanto quer por esta invenção? pergunta-lhe o director.

Edison vai responder «2.500 francos» mas reconsidera e deixa o outro responder.

— Vejamos, retorquiou o director, satisfar-se-ha com 200.000 francos?

Edison abre a bocca com assombro, o que o seu interlocutor toma como um protesto.



D. Maria Victoria d'Almeida e Abreu, falecida nas Commendadeiras da Encarnação, de Lisboa, a 20 de agosto, com 88 annos de idade e 57 de recolhida.

— Ai, diz este, entristecido, é o mais que lhe posso dar. Então como um principe generoso, Edison resigna-se. Tem 23 annos. Começa a era das suas grandes invenções: e será immediatamente a gloria. Que porção de caminho percorrido a seguir a esta data remota. Edison trabalha com afan! O trabalho é a unica coisa em que pensa! E tanto que na manhã do casamento esquece a hora da cerimonia. . . porque tem uma experiencia de phisica a executar! De repente, aperfeicoa o telephone, nascido no cerebro do francez Gustavo Ader, e já em parte realizado por Graham Bell. Inventa a lampada electrica, pela fibra do carvão que torna a electricidade utilisavel por todos para a illuminação. Pouco depois foi o phonographo, depois o cinematographo. Com outras maravilhas nasceram d'este cerebro incomparavel!

A guerra forneceu ensejo a Edison de revelar novamente o seu genio de inventor. A' lucta contra os submarinos deu elle mais do que um novo instrumento de defeza.

Z.



Grupo de illustres senhoras recolhidas, em 1910, no antigo mosteiro das Commendadeiras da Encarnação de Lisboa.

DOROTHEIA — ELLEN

(Conclusão)

Conto de J. Girardin.

DOROTHEIA encostava-se á Senhora Schneider que curvava tristemente a cabeça. Creanças que voltavam da escola iam passando. A Senhora Schneider perguntou-lhes qual o caminho da aldeia. Eram quatro; os tres primeiros olharam para Dorotheia com um ar espantado sem lhe responder; o quarto, um pouco mais esperto, disse-lhe que a aldeia ficava lá para baixo! e ao dizer *lá para baixo* estendeu o braço por cima dos matagais e dos campos.

— Mas, disse-lhe Dorotheia, não é de lá que vós vindes?

— Não, respondeu o rapazito. Vimos da escola, mas a escola fica n'um logarejo onde não ha pousada.

E lá foi ajuntar-se aos outros não sem que por mais duas ou tres vezes se virasse para traz a olhar os estrangeiros com ingénio descaramento.

— Vamos, disse o pobre Schneider suspirando, não podemos ficar aqui até que venha a noite. Mais um esforçotinho, minhas queridas, e descençaremos depressa ao calor d'uma fogueira.

A mulher sem nada dizer, deu a mão a Dorotheia. Mas, de repente, o pobre Schneider retomou a sua attitude humilde e firitante; a Snr.^a Schneider baixou os olhos, e Dorotheia, como cheia de medo, abrigou-se sob uma ponta da capa da sua mãe adoptiva. E, uma vez em segurança n'este asilo, aventurou-se a olhar qu m é que vinha.

Dois *gentlemen*, montando cavallos de fina raça chegavam do lado direito em galope travado de caça. Eram novos, ambos tinham levantado tambem a gola dos casacos, e ambos pareciam apressados de chegar a qualquer sitio onde os esperasse um substancioso *lunch* e uma boa fogueira. Um d'elles parecia taciturno e desdenhoso; o outro, a julgar pela cara, devia ser alegre. O primeiro passou á frente do pequeno grupo sem voltar a cabeça.

O outro parou logo. Mas em vez de fallar para os vagabundos caridosamente, o que denotaria bons sentimentos aristocraticos, virou a cabeça do cavallo para o grupo e olhando-o bem em frente interpellou.

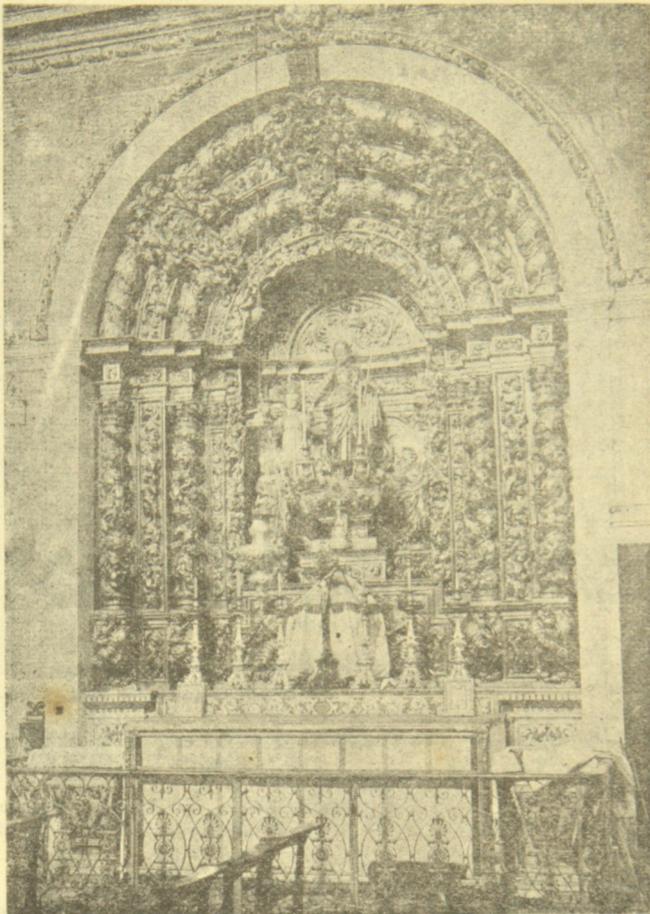
— Que diabo fazeis vós aqui com um temporal d'estes? perguntou ao Snr. Schneider.

Este, atropalhado, levou delicadamente a

mão ao chapeo e olhou para Dorotheia como a pedir-lhe que respondesse.

— Não sabemos para onde ir, respondeu a pequena erguendo timidamente os olhos para o bello cavalliro.

— Que me dizes, princezinha? Então não sabeis para onde ir? Supponho no entanto que partisteis d'alguma parte e que para alguma



Altar de S. José e da Sagrada Família com confreria desde 13 de dezembro de 1702, nas Commendadeiras da Encarnação.

parte vos dirigis.

— Partimos de Dykebourne, e queremos ir lá para baixo para uma aldeia cujo nome esqueci! Mas não ha caminho e não sabemos qual formar.

— Vejamos menina, trata de vêr se te lembras do nome da aldeia. Não seria por acaso o de Saw Hill.

— Sim senhor, é Saw-Hill.

— Hum! Saw-Hill é longe de mais para as

tuas perninhas, menina; suppondo mesmo que topasseis o caminho, que fica lá em baixo de de outro lado dos matagaes, não chegarias lá esta tarde.

— Doroteia explicou a Schneider, em allemão, o que o cavalleiro acabava de lhe dizer. Tomou aquelle um ar ainda mais lamentoso e e poz-se a olhar para o cavalleiro como indeciso.

— Sabe o que vae fazer? disse-lhe este então em allemão. Tome o carreiro, acolá, á sua direita que léva a uma estrada que o snr. ha-

Lozo deu redeas ao cavallo o cavalleiro, partindo a toda a brida. O seu companheiro parára a uma centena de metros, á espera. Como achasse longa a demora tentára accender um cigarro, mas o vento apagou-lhe todos os phosphoros. O seu humor de *bulldog* recebe muito mal o retardatario.

— Ouça, Pip, rosou elle entre dentes, se está na intenção de travar conversa com todos os mendigos que topar, previno-o de que nunca mais saio a cavallo comsigo,

— Lá, lá! snr. Tito, voltou risonhamente o



BRAGA — Grupo de ecclesiasticos, que pertencem á Palesira de Priscos, por occasião d'um passeio ao Bom Jesus do Monte.

Sentados:— P.^o José d'Annunção Malheiro, parochi de Vimieiro; P.^o Manuel Rebello, parochi de Priscos, P.^o Sebastião Martins, parochi de Celleirós.

De pé — P.^o Americo Pinto, parochi de S. Pedro d'Oliveira; P.^o Manuel Gonçalves Maia, parochi de Tebosa; P.^o Francisco Marques, parochi de Arentim; e P.^o Albino José Ferreira, parochi de Tadin.

de seguir até vêr vir um *breack*, que eu lhes vou mandar ao encontro. Nada de agradecimentos. Favor contra favor. Offereço-lhe boa fogueira, boa cama e boa ceia; e peço-lhes em troca que me façam dançar meninos e meninas que em muito preferirão a sua orchestra ás pancadinhas do piano.

Emquanto assim fallava ao snr. Schneider não cessava o cavalleiro de olhar para Doroteia, cuja physionomia vivamente o parecia interessar.

— Vamos, reatou elle olhando sempre para Doroteia. Está então combinado?

— Sim, excellencia, está combinado, disse humildemente o snr. Schneider.

snr. Pip; d'esta vez não são mendigos, mas musicos, e musicos muito interessantes, se não me engano. Convidei-os a virem a Fair-Abbey, para fazerem dançar...

— Fazer dançar a quem? perguntou bruscamente o snr. Tito. Gente nova em Fair-Abbey, só somos nós e a menos que não queira pôr a dançar as creadas de quarto, não vejo...

— Cá tenho a minha ideia, voltou Pip, sorrindo.

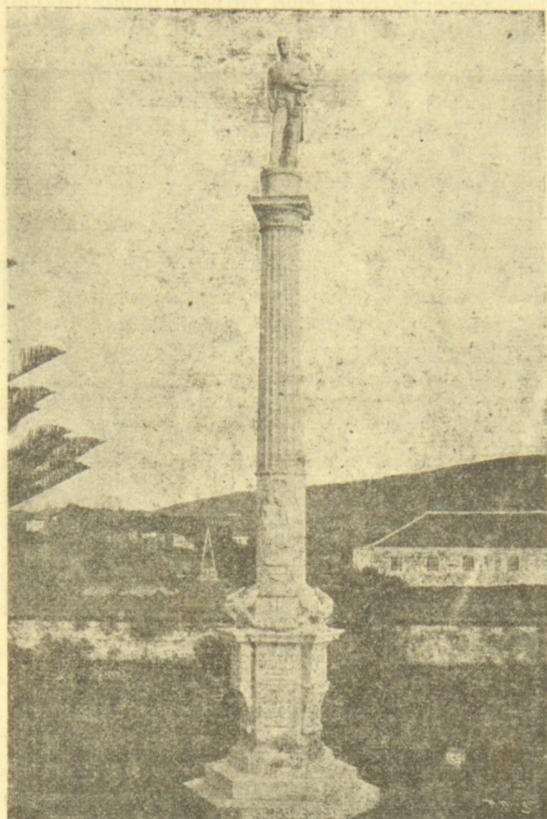
— Temos tolice, com toda a certeza.

— Talvez que sim e talvez que não. Em todo o caso teria sido uma crueldade deixar essa pobre gente, e sobretudo a pequenita, ir a pé a Saw-Hill, por um tempo d'estes, quando a chuva vae cahir.

Partiram os dois a galope. Pip, antes de *lunchar*, mandou atrellar o *breack* e deu as suas ordens ao cocheiro; depois mandou atrellar o *coupé* e deu também ordens a outro cocheiro.

Quando o *breack* voltou com os trez musicos ambulantes, já o *coupé* depuzera ao fundo da escadaria ao snr. Blunderby, o magistrado da parochia. Coisa estranha, o snr. Blunderby, em vez de ir apresentar os seus cumprimentos á dona da casa, a velha *lady* Hammerstone, fizera-se conduzir directamente á bibliotheca, onde o snr. Pip o esperava.

Conversaram os dois demorada e calorosamente. Depois o snr. Pip pegou n'uma vela e



Monumento de José Silvestre Ribeiro,
na Villa da Praia da Victoria.

conduziu o snr. Blunderby á galeria dos retratos. Ambos paráram deante d'um quadro que examinava com muito interesse. Tornaram á bibliotheca e estenderam os pés ao calor do fogo sem dizer palavra.

Pip, d'ahi a pouco, puxou pelo relógio, e pelo cordão da campinha. Um creado entrou.

— Acabaram de ceiar? perguntou.

— Saiba vossa excellencia que sim. E até . . .

— E até quê?

— O copeiro e a creada de quarto pretendem que aquella menina . . .

— Basta; já sei o que vaes dizer . . . Traze o pae aqui.

O creado fechou de novo a porta, e o snr. Pip disse ao snr. Blunderby:

— Já vê que não sou só eu d'esta opinião.

Quando o snr. Schneider entrou, o brilho das luzes perturbou-o, a ponto de piscar os olhos. Depois, confundiu-se em saudações.

— Sente-se aqui, meu amigo, disse-lhe docemente o snr. Pip, achegando-lhe uma cadeira, em frente da meza, do outro lado da qual, Blunderby tomára logar, sem dizer nada.

Schneider assentou-se, trémulo, pousou o chapéu no chão e esfregou as mãos como um homem terrivelmente embaraçado

— Como se chama? perguntou-lhe solemnemente o snr. Blunderby:

Pip encarregou-se das funções de interprete.

— Schneider, balbuciou o velho.

— Os seus apellidos.

— Luiz-Wolfang.

— Costuma lêr os jornaes?

— Não, excellencia.

— Pois faz mal; teria visto que fallam de si.

— Misericordia! de mim! exclamou Schneider no auge do terror.

— Não se assuste, disse-lhe docemente o snr. Pip. Os jornaes não dizem mal de si. Pelo contrario. A creança que traz consigo é sua filha?

— Não, mas não a roubei.

— Bem sabemos, explicou Pip pousando-lhe a mão n'um hombro. Bem sabemos que a adoptou. Diga-nos onde e em que circumstancias.

Schneider contou tudo o que sabia.

— Snr. Schneider, disse-lhe de repente o snr. Pip tomando-lhe a mão e apertando-lh'a. O snr. é um homem honesto e sua esposa uma mulher honrada; eu e minha familia contrahimos para com os snrs. uma divida do coração. A creança que recolheram é minha sobrinha, e neta de *lady* Hammerstone, a quem este castello pertence. A' força de investigações, acabamos de saber que a pequenina Ellen fôra recolhida por pessoas honradas que sempre haviam sido boas para ella. Seguimos-lhes os passos até Londres; mas o director do seu circo fallira e metade do pessoal d'elle desaparecera. Puzemos annuncios em todos os jornaes da Europa, promettemos alviçaras a quem nos fornecesse informações acêrca de Luiz-Wolfang Schneider, e accrescentou Pip rindo a bom rir, fui eu que as ganhei!

— Como elle tivesse repetido esta ultima phrase em inglez, Blunderby saltou exclamando:

— Reclamo-as para os pobres!

— Já lhes estavam destinadas, respondeu alegremente o snr. Pip.

— E agora, meu caro snr. Schneider, continuou, se lhe resta ainda a sombra d'uma duvida queira seguir-me.

Schneider declarou que sombra de duvida

alguma lhe ficava, mas faria o que o snr. Pip quizesse; seguiu-a na galeria dos retratos, e quando parou deante d'aquelle que tanto havia interessado ha pouco ao snr. Pip e ao snr. Blunderby, deu um grito de supreza.

— Mas é ella! E' Dorotheia!

— Não, não é ella, mas sua mãe, quasi na idade actual da filha!

Duas grosas lagrimas rolaram na face de Schneider.

— Desculpe-me, disse. Sinto-me feliz por haver encontrado os parentes d'ella; mas como sabe, amamol-a como a uma filha.

— E espero que assim a continuarão a amar,olveu o snr. Pip, cujo verdadeiro nome era Philippe, *lord* Hammerstone.

A snr.^a Schneider esteve a pontos de desfal-lecer ao saber que Dorotheia era a neta da dona do Castello. Quanto a esta, perdeu de fato os sentidos e sabe Deus se haviam sido tomadas todas as necessarias precauções para lhe ser dada a feliz nova. O snr. Tito esse, nem pestanejou; no emtanto a partir d'aquelle dia considerou seu primo Pip como um homem de superior sagacidade. . .

Dorotheia declarou-se contentissima por haver reencontrado a sua avósinha e seu tio Pip mas logo declarou tambem que o snr. Schneider seria sempre o seu papá e a snr.^a Schneider a sua mamã e que usaria sempre o nome de Dorotheia que lhe haviam dado.

Lady Hammerstone, velha senhora um pouco secca e rigida quanto á etiquêta, começou por dizer que os Schneiders receberiam com que viver decentemente, ou até ricamente, mas como não pertenciam á sua roda eranecessario romper todas as relações com elles. O snr. Tito, é claro, foi logo da mesma opinião. . .

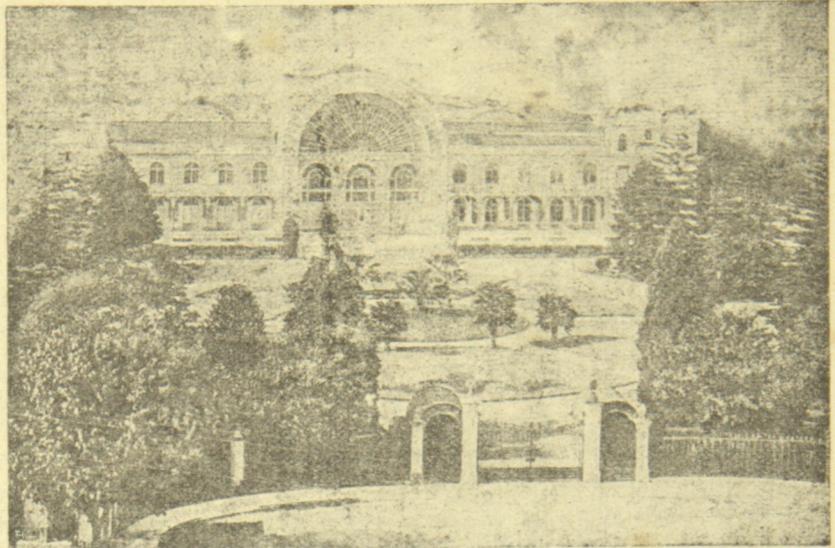
Mas Pip e Dorotheia tomaram partido contra elles. Dorotheia exigiu que os Schneiders viveriam a seu lado, no castello; do contrario seguiriam. Mas os bons Schneiders não lhe deram razão declarando que não se sentiriam á vontade em tão bello palacio.

Aqui, porem, Pip interveio. Os Schneiders iriam para Vienna onde bem mais felizes seriam que na Inglaterra; Dorotheia escrever-lhes-hia e elles responder-lhes-hiam. Todos os

annos iria passar um mez com elles. Dorotheia, ou Ellen, achou duras as condições; *lady* Hammerstone reputou-as inaceitaveis. Mas tudo se arranjou, graças á bondade, á dedicação e á diplomacia do tio Pip.

Ellen Hammerstone aprendeu a escrever correntemente, e logo se encetou entre Vienna e Fair-Abbey uma correspondencia que nunca soffreu eclipse nem interrupção. Todos os annos o tio Pip levava a sobrinha a Vienna, e a terrivel *lady* Hammerstone tendo reconhecido que taes visitas de modo algum lhe tiravam o seu arsinho aristocratico, acabou por se acostumar a ellas.

Desappareceu esta *lady* do mundo, como é do destino de toda a gente. E estava escripto



Palacio de Cristal no Porto.

tambem que um bello dia alguem aspirasse á mão da sua neta que era um encanto, e rica, de milhões e milhões. Um joven *lord*, bem digno d'ella, aliás, pediu-lhe um dia para partilhar com ella da boa ou má fortuna da vida.

Ellen poz condições, senhorilmente.

— Primeira, chamar-me-hei sempre Dorotheia.

— Aceito.

— Segunda, levar-me-ha todos os annos a Vienna.

— Aceito.

— Terceira, será delicado e attencioso com meus paes adoptivos.

— Aceito.

— Quarta, não se offenderá quando eu lhes chame papá e mamã.

— Aceito.

— Pois então acceto eu tambem! disse-lhe Ellen estendendo-lhe a mão.



Guerra europeia



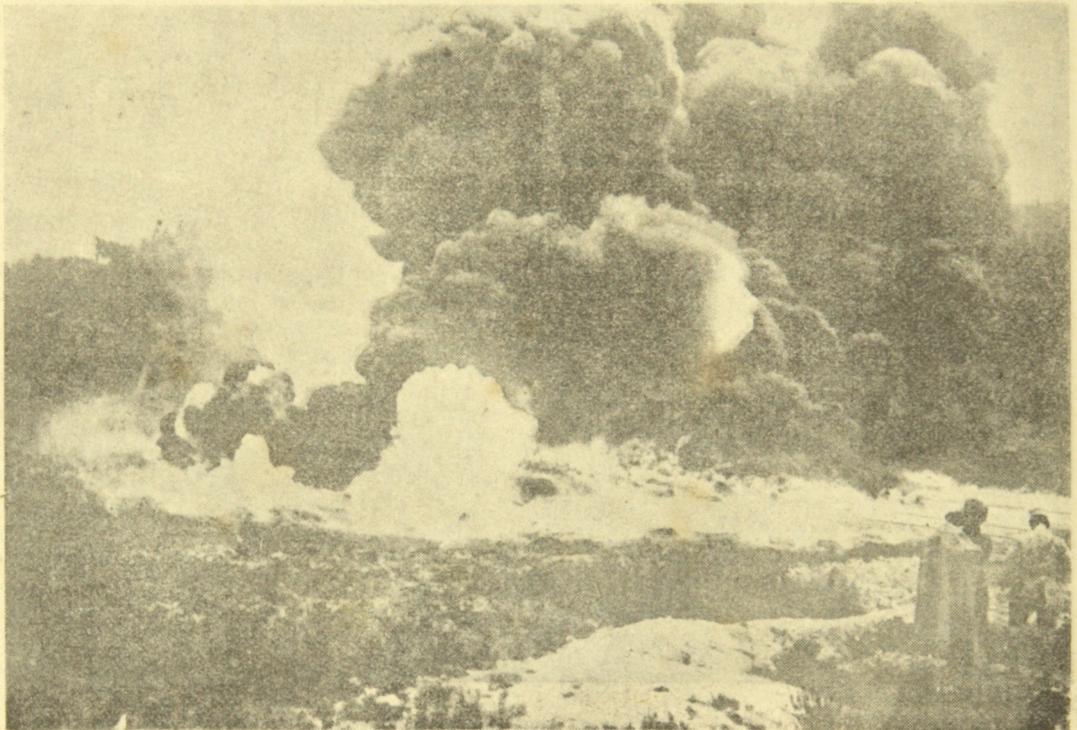
Lanceiros franceses ocupando uma povoação na linha do Vesle.



Inauguração de um monumento levantado pelos artilheiros canadianos à memória dos seus companheiros mortos em campanha.



O rei Jorge V, de Inglaterra, acompanhado do duque de Connaught assistindo à instrução dos recrutas no acampamento de Aldershot.



Um aspecto do campo de batalha durante um bombardeamento.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da *Coleção Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres e maritimos, grèves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoa de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha
Largo do Barão de S. Martinha — BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de escultura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588 — RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e lambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quizesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^o Villela & Irmão

83— RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA